

## RECADO DE PARIS

PARIS, junho — Jean Guéhenno escreve um artigo sobre o livro "The God that failed", em que um editor norte-americano reuniu o depoimento de seis intelectuais que se desiludiram do comunismo: Kossler, Silone, Richard Wright, Gide, Louis Fischer, Stephen Spender.

Traduzido agora para o francês, esse livro desperta muitos debates; a maioria dos que escrevem sobre ele põem em destaque a diferença de qualidade e autoridade dos depoimentos.

Silone conta uma história de seu tempo de menino, da aula de catecismo. Para tornar a lição mais interessante, o padre lançava mão de marionetes. O diabo perseguia um menino. O boneco que representava o menino aparece em cena todo trêmulo, fugindo do diabo, e se esconde a um canto da cena, debaixo da cama. O diabo aparece logo a seguir, mas não consegue encontrar o menino. Volta-se então para o auditório e pergunta, com uma voz melosa, onde é que o menino se escondeu. Todas as crianças, que viam muito bem que o menino estava em baixo da cama, responderam em coro, que ele tinha fugido.

O professor de catecismo sentiu-se muito embaraçado porque, afinal, nunca se deve mentir. "Nem ao diabo?" — perguntaram as crianças. "Uma mentira é sempre um pecado", respondeu o padre. "Mas a verdade — disseram as crianças — é que o diabo estava de um lado e o menino do outro. Nós quisemos salvar o menino, eis a verdade." O padre abanou a cabeça: "Mas vocês mentiram!" Então o pequeno Silone fez esta pergunta impertinente: "E se no lugar de um menino fosse um padre, que devíamos fazer?" O pequeno Silone passou o resto da aula de joelhos. Quando acabou o castigo o padre lhe perguntou: "Está arrependido?" E ele: "Natural, senhor padre. Se o diabo me perguntar o seu endereço eu digo na mesma hora".

Depois de crescido, Silone teve de enfrentar o mesmo problema de consciência nessa outra espécie de igreja, que é o Partido Comunista. Seu ódio à mentira, sua necessidade de pensar livremente não o deixaram "engulir" certos incidentes. Em um deles aparece Stalin e todo o Kremlin rindo gostosamente de um militante inglês que se admirara das ordens que recebera sobre a maneira de proceder dentro de uma "trade union" e exclamara ingenuamente: "mas isso seria mentir!" Em outra aparece o Comité Executivo da Internacional aprovando uma resolução que condenava Trotsky, sem que Stalin permitisse sequer a leitura de seu texto.

Escrevendo sobre o mesmo livro, Maurice Nadeau mostra a diferença entre a situação de há 20 anos e a de hoje. Durante o chamado "decênio cor-de-rosa" quando Hemingway, Dos Passos, Steinbeck nos Estados Unidos, Gide e Malraux na França, Auden e Spender na Inglaterra e por toda parte os melhores escritores e poetas caminhavam para o comunismo, era possível perguntar: "Como um intelectual pode ser comunista?"

Em seu entender, o mérito do livro (ele trata sem qualquer simpatia alguns de seus autores) consiste em procurar uma explicação "para esse mal-entendido ou essas incompatibilidades que ergueram, entre os intelectuais do Ocidente e a Rússia uma nova cortina de ferro."